



## **LIBERDADE NAS ESCOLAS: ENFRENTANDO A PADRONIZAÇÃO INDIVIDUAL**

FILHO, Maurício Fontana<sup>1</sup> HAMMARSTROM DOBLER, Guilherme<sup>2</sup> EHMKE, Diego Paes<sup>3</sup>  
TONEL Rodrigo<sup>4</sup> COPETTI NETO, Alfredo<sup>5</sup>

**Resumo:** O sistema de ensino prescrito elenca tudo aquilo que deve ser aprendido e dispensado; há o necessário e o superficial, enquanto que o juiz toma a forma do grupo detentor do poder político. Aqueles que aderem ao projeto são recompensados, enquanto que os que pretendem transcendê-lo são reprimidos. O pessimismo orchestra o manual da busca pelo conhecimento com base na inabilidade do indivíduo solitário pesquisar por si mesmo, sem um dever ser sobreposto a si. O efeito da intervenção do Estado na educação é a formulação de homens projetados para fins específicos através de meios iguais; uma base bibliográfica semelhante subjuga a todos aqueles inaptos de insurgir-se, seja pelo amor ou pelo medo ao chicote. Uma sociedade só será livre quando os cidadãos possuírem individualidades e não coleiras coloridas e o dom da submissão.

**Palavras-chave:** Escolarização. Estado. Intervenção.

**Abstract:** Educational system prescribed cast; is necessary and superficial, while the judge takes a form of the group holding the political power. Those who acquire the project are rewarded, while those who seek to transcend it are repressed. Or pessimism orchestrates the manual of the quest for knowledge on the basis of the uselessness of the lonely individual in the work itself, without a duty to be superimposed upon itself. The effect of state intervention on education is a formulation of the United States' projects for the needs of the media; a bibliographic base subjugates all the unfit types of uprising, by love or fear of the whip. A society at a time when citizens have the individualities and not the colorful collars and domination of submission.

**Key-words:** Schooling. State. Intervention.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Direito da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, RS; bolsista Fapergs no projeto de pesquisa “Direito e Economia às Vestes do Constitucionalismo Garantista”; mauricio442008@hotmail.com

<sup>2</sup> Biólogo, Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, RS ghammars@asu.edu

<sup>3</sup> Discente de Enfermagem, Universidade de Cruz Alta. E-mail: diegopaes.ehmke@gmail.com

<sup>4</sup> Aluno da graduação em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ; tonelr@yahoo.com

<sup>5</sup> Pós-doutor pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Doutor pela Università degli Studi Roma Ter – UNIROMATR. Professor do Centro Universitário das Cataratas (UDC); alfredocopetti@yahoo.com



## INTRODUÇÃO

O conceito de Michael Sandel (2015, p.79) de Libertarianismo é chave na exposição do mal da intervenção do Estado na educação:

nenhum paternalismo. Os libertários são contra as leis que protegem as pessoas contra si mesmas. As leis que tornam obrigatório o uso do cinto de segurança são um bom exemplo, bem como as leis relativas ao uso de capacetes para motocicletas. Embora o fato de dirigir uma moto sem capacete seja uma imprudência, e mesmo considerando que as leis sobre o uso dos capacetes salvem vidas e evitem ferimentos graves, os libertários argumentam que elas violam o direito do indivíduo de decidir os riscos que quer assumir. Desde que não haja riscos para terceiros e que os pilotos das motos sejam responsáveis pelas próprias despesas médicas, o Estado não tem o direito de ditar a que riscos eles podem submeter seu corpo e sua vida.

Desta maneira, o posicionamento político libertário tende a se basear no fato de que as pessoas devem poder declinar a busca por educação, sendo que seu desinteresse não deve legitimar a invasão do Estado, prescrevendo conteúdos, valores e moldando o indivíduo conforme seus interesses e ambições. Isso porque cada indivíduo é senhor do que é melhor para si e, se é motivado a não se instruir, não cabe a ninguém utilizar-se de violência para fazê-lo mudar de opinião, sejam homens materiais ou artificiais os providos de interesse em assim agir (SANDEL, 2015).

O que motiva a intervenção na educação é uma desconfiança de que o homem jamais poderá se desenvolver sozinho, necessitando do intermédio do Estado. A lógica é esta: o homem pode até ser relativamente bom naturalmente, mas, de maneira a não arriscar com resultados incertos e premissas abstratas e inseguras quanto ao conceito de homem, mostra-se inviável a concessão de liberdade em campo educacional. Em razão disso, o Estado legitima sua intervenção de maneira a saciar as necessidades básicas imediatas que ele considera imprescindíveis (ZAMYATIN, 2007).

O Estado, ao intervir, implica fazê-lo por ser imprescindível ao bem-estar da sociedade, isto é, através da *obrigatoriedade*, inerente à intervenção, mostra o caminho certo a ser percorrido. Entenda por *certo* tudo aquilo que abrange juízo de valor realizado e considerado



interessante pela casta detentora do poder político. A intervenção é uma redução de autonomia individual que visa substituí-la por movimentos preordenados (STEWART JR, 1995).

A lógica da intervenção é que com ela as pessoas serão mais beneficiadas do que na sua ausência. É paternalista porque pressupõe inabilidade individual. Em outras palavras, é paternalista porque pressupõe serem os cidadãos ineptos, necessitando de um sábio chefe que lhes ordene por qual caminho percorrer (STEWART JR, 1995).

A medida de intervenção do Estado na sociedade é a medida de dependência do cidadão, isso porque a independência individual não se faz palpável quando homens têm suas necessidades determinadas e satisfeitas, mas pelo contrário, quando perdidos transcendem os limites impostos a si, se empenhando de maneira a satisfazer suas necessidades através de seu próprio esforço (MILL, 2011).

Somos homens apenas na medida em que somos livres, o que significa dizer que o quão mais abrangente é a intervenção do Estado, menos homens nós seremos em decorrência. A liberdade não é algo externo, dependente de fatores para sua concessão, mas inerente a todo homem. Seremos homens apenas na medida em que desfrutamos de nossa liberdade (JASPERS, 2013).

Quando em liberdade, o risco de perdição é muito grande, ao mesmo tempo em que possível o de perdição total. Por outro lado, sem a liberdade a perdição é inevitável. Assim, no momento em que abandonarmos a coragem da razão, sobre a qual se baseia a esperança, desprezamos, em decorrência, a nós próprios como homens. Ainda que o homem fosse naturalmente violento, como propõe Thomas Hobbes<sup>6</sup> (2014), ainda assim seria inviável obstar sua liberdade com grilhões (JASPERS, 2013).

---

<sup>6</sup>O conceito de homem proposto por Thomas Hobbes (2014) em *Leviatã ou a matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil* remete a um homem egoísta, mau e sedento por poder, isso porque acredita ser o dono de todas as coisas e de todas as outras pessoas, o que o motiva a entrar em guerras com todos os homens por achar estar o seu direito sempre a ser violado, como o faz todos os outros homens sobre si.



## **METODOLOGIA**

O problema proposto envolve os vícios que se encontram inerentes ao caráter obrigatório das instituições escolares contemporâneas. O levantamento bibliográfico tem como fundamento principal a obra *Sociedade sem escolas* de Ivan Illich, o qual propõe seu modelo escolar ao mesmo tempo em que critica o atual de seu tempo.

O objetivo principal é a difusão da existência de um modelo escolar viável e baseado nos pilares da liberdade. A metodologia do trabalho tem como base o fichamento de diversas obras político-filosóficas realizadas no decorrer da graduação em Direito.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Um bom sistema educacional faculta ao indivíduo aprendizado e possibilidades de capacitação. O povo não deve ter de pagar tributos por uma educação que não lhes interessa usufruir, mantendo um aparato profissional de educadores e edifícios que não lhes interessa fomentar. Não é cabível ao planejamento de educação questionar o que deve o aluno aprender, mas o que quer ele aprender (ILLICH, 1985).

Um sistema educacional deve possuir caráter facultativo de maneira a permitir aos alunos escolherem o que desejam aprender, ao mesmo tempo em que escolhem com quem se reunir para aprender, desde que as outras partes assim optem (ILLICH, 1985).

Do sistema educacional planejado derivam princípios obrigatórios em que os alunos são obrigados a aprender sobre assuntos que não lhes oferecem interesse e a conviver em um meio em que não desejam estar. *Desescolarizar*, termo cunhado por Ivan Illich (1985, p.104) e que significa libertar, deixar livre, isto é, “desescolarizar significa abolir o poder de uma pessoa de obrigar outra a frequentar uma reunião”, visa romper a educação planejada.

Como diz Paulo Freire (2014, p.106) “não há educação imposta, assim como não há amor imposto.” Não podemos confundir igualdade de oportunidades na educação com obrigatoriedade escolar, fazer isso seria confundir salvação com Igreja. A escola tornou-se a religião universal do proletariado moderno, e faz promessas férteis de salvação aos pobres da era tecnológica. O



Estado a adotou e utiliza-a para moldar seus cidadãos através de um planejamento hierarquizado à base de diplomas e currículos preestabelecidos (ILLICH, 1985).

Não cabe ao Estado uniformizar a educação, estipulando um padrão a ser seguido, um caminho a ser percorrido, dado que estaria a tratar o homem como mera quantidade e não como qualidade, como gado e não como um ser provido de individualidades (ILLICH, 1985).

Para Wilhelm Von Humboldt (2004, p.206) “o fato é que todos os sistemas de educação nacional, governados como são pelo espírito de regulamentação, impõem sobre a natureza humana uma forma cívica específica.”

Lembre-se do *Double Think* de George Orwell (1992), o qual compreende o ato de pensar e, se este pensamento agir em antagonismo aos interesses e preceitos do Estado, deverá o homem pensar novamente, até que perceba as verdades inescapáveis outorgadas pelo Estado. Em outras palavras, *Double Think* é servidão a um ponto de vista que não permite escapatória, assim como a expectativa subjetiva que a escolarização sobrepõe ao aluno: se segue a norma, recebe estrelas, do contrário há repreensão. O império do  $2+2=5$  se faz palpável em meio educacional.

A verdade não é apenas boa de conhecer, mas também de procurar. Mesmo quando erramos na pesquisa, somos mais felizes do que quando a ela renunciamos. A ideia de verdade é paz para o espírito na mesma medida em que a de moralidade o é para o coração, isto é, o *Double Think* de Orwell (1992) é um obstáculo para a verdade e, em decorrência, é um obstáculo para a felicidade individual, isso porque somos tão felizes quanto mais verdade material dispomos<sup>7</sup> (CONSTANT, 2007).

Segundo Frank Karsten e Karel Beckman (2013, p.61) “a intervenção do Estado significa que as escolas e universidades são inundadas com planos, requisitos, normas e regulamentos do

---

<sup>7</sup>Em *Fahrenheit 451*, Ray Bradbury (2016) defende o exato oposto, dizendo que o pensar e o refletir demandam uma imensa disponibilidade de se sentir infeliz constantemente, mais do que isso, demandam a vontade de se sentir vazio, incomodado, inconstante, solitário, raivoso, mas mais do que isso, implica querer se sentir como se não houvesse um chão. É a aceitação de ter seu fundamento individual chacoalhado e revirado de cabeça para baixo; é ter suas verdades mais essenciais e basilares questionadas. Pensar é estar disposto a questionar sua própria qualidade de ser homem. É colocar-se em cheque o tempo todo; é o interesse pela verdade sendo anterior à felicidade. Na obra *O elogio da loucura* de Erasmo de Rotterdam (2012), a erudição é proposta como dolorosa, isso porque os homens que a perseguem tentam se elencar a deuses, esquecendo serem meros homens, o que os deprime. Os ineptos são os mais felizes em razão de serem semelhantes a animais, nada se importam com temáticas complexas, tudo que querem é o aprazível ao instinto, e o instinto lhes apraz.



ministério da educação. Esta burocratização não torna a escola melhor, mas pior.” Isso porque é em face de uma educação sucateada que os cidadãos reclamam para seus representantes, os quais reagem prestando maior intervenção na educação, propondo novos planos, regulamentos e burocracias, afinal, não fazê-lo seria implicar serem contraproducentes, o que não é de seu interesse inferir, mas permanecer no poder.

As instituições escolares tratam as crianças como seres padronizados ao invés de possuidoras de personalidades. Seu caráter compulsório aprisiona o indivíduo na expectativa de que não buscaria educação livremente se lhe fosse dada a escolha, assim, promove a inexorável condição de necessidade de controle. Pressupõe serem as pessoas dependentes de ordens para prosseguir, inábeis de encontrar seus próprios caminhos; o espírito paternalista reina e impera seus ditames frios e estagnantes (SCHOOLLAND; ELDRIDGE, 2004).

A premissa que envolve o processo de escolarização é de que o homem é ignorante e dependente naturalmente, o que motiva o Estado a intervir e *resgatar* o homem do lugar perdido em que se encontra (ILLICH, 1985).

De acordo com José Ortega y Gasset (2016) estar perdido é uma posição que propicia uma vida pela verdade e sobre a verdade. Estar perdido significa viver nas luzes, é abraçar a verdade e não se esconder dela. Estar perdido significa reconhecer a existência de algo maior do que nós mesmos; significa reconhecer a infinidade do desconhecido quando comparado com o indivíduo isolado. Estar perdido é o céu, enquanto que a certeza é o inferno; a certeza é proposta pelo modelo de educação planejada, a qual recompensa seus seguidores em busca de afirmação.

As dúvidas advindas do conhecimento causam náuseas. Sorte tem aqueles que sofrem das náuseas, da sensação de perda e desorientação, pois ascendem. Se encontrares alguém perdido, que não o leve para as luzes, o oriente ou o encaminhe em direção ao meio das pessoas, para as ruas suaves e rosadas, pois lá não poderão sofrer tão intensamente, mas permita que forjem seus caminhos com suas próprias intenções (SARTRE, 2015).

Aqueles que se encontram perdidos e sofrem estão mais próximos de descobrir e entender a qualidade de ser homem. Aquele que sofre tem sorte; todo sofrimento amenizado é um prejuízo. A náusea é um sentimento de possibilidade, de expectativa, de chance, isto é, de uma ideia



flutuante que consubstancia seu caráter abstrato na inabilidade do homem de se convencer e de se libertar; é uma incerteza móvel que anda presa ao homem (SARTRE, 2015).

Que o Estado permita àqueles indivíduos que assim desejam viver suas vidas na perdição, afinal, uma vida no caminho certo, mas proposto por alguém que não nós mesmos não é um caminho válido a ser seguido, mas um caminho ávido de repressão. A evolução só pode acontecer pelos pés do ser, e não do dever ser (HUMBOLDT, 2004).

Alguns liberais-clássicos como Benjamin Constant (2007) e Humboldt (2004) acreditam que ao Estado cabe apenas tornar desobstruída a busca por conhecimento individual, mas jamais controlar quem serão os mestres e professores ou as ideias a serem ensinadas sob os pilares educacionais, do contrário serão formados Homens-Trator<sup>8</sup> (ZAMYATIN, 2007) ao invés de Homens-Árvore<sup>9</sup> (MILL, 2011).

Diz Constant (2007, p.527) que o homem precisa de liberdade para ascender porque, com a intervenção do Estado, tenderá a sucumbir a tudo aquilo que o quantifica, o torna menos homem e, em decorrência, mais apazível como peça do maquinário do Estado. Assim, “na educação, como em qualquer outro aspecto, o governo deve agir como vigia e protetor, mas sempre neutro. Deixemos que ele remova os obstáculos e torne mais planas as estradas. Basta então que os indivíduos as trilhem livremente.”

Karl Jaspers (2013, p.158) diz que “a dignidade do homem reside em perceber a verdade. Só a verdade o liberta e só a liberdade o prepara, sem restrições, para a verdade.” Assim, para refletir, ao homem deverá ser concedida a liberdade para fazê-lo. A ascensão cultural do homem se dá através da concessão de liberdade a qual o homem utilizará para buscar informação e refletir.

A *Sociedade sem Escolas* de Illich (1985) remete a uma visão que compreende altas expectativas na natureza humana em relação à educação, possuindo caráter a demandar mais

---

<sup>8</sup>Na obra *We* de Yevgeny Zamyatin (2007), o Homem-Trator é um homem teve sua liberdade restringida e evoluiu, não mais possuindo consciência. Ele passou a ser controlado pelos detentores do poder político, seguindo o dever ser, trilhando o caminho preestabelecido por outros homens.

<sup>9</sup>John Stuart Mill (2011) em *Sobre a liberdade*, disserta sobre o homem ser como uma árvore, que cresce seus galhos (individualidades) na medida em que usufrui de liberdade.



indivíduo e menos Estado, uma visão otimista quanto à ação individual, enquanto pessimista quanto à intervenção. Pressupõe ação individual razoável e consciente.

O Estado entra como o descobridor do método acadêmico. Como incluir a todos no culto da educação *gratuita*<sup>10</sup> se não através de um juízo de valor que descreve o que é necessário, o que é essencial, e disso advêm as correntes que aprisionam e padronizam as individualidades humanas. A motivação do Estado é acreditar possuir maior amor pelas crianças do que seus próprios pais, por isso imperam, por meio de seu monopólio da violência, um conceito unívoco de educação a ser seguido sem margem para dissidência (SCHOOLLAND; ELDRIDGE, 2004).

As escolas estatais fazem seus alunos acreditarem que a educação material é corolário da educação formal, isto é, através da obtenção de diplomas poderão ascender aos picos do conhecimento e habilidade crítica. A escolarização fomenta a confusão entre processo e substância de maneira a fazer com que enxerguem o conhecimento preestabelecido pelo Estado como conhecimento de fato, e não como um preenchimento de molde (ILLICH, 1985).

Indivíduos que dispõem de pedaços de papel que os elencam a reis enquanto ao mesmo tempo jazem ineptos de refletir criticamente são como sombras em meio ao vazio da escuridão, meras formas com conteúdo ausente. Aludem a um mar de possibilidades, mas, materialmente, tombam em face de suas limitações. A verdade é feita pelo material. O formal dissimula, mente, engana, ludibria, entorpece, camufla, corrompe e anula a verdade. Distorce a verdade. As instituições escolares, assim como a religião, promovem a felicidade das pessoas por meios ilusivos, seja a vida após a morte ou a obtenção de educação material como resultado inerente da formal (ILLICH, 1985).

Para John Stuart Mill (2011, p.189) o Estado deve garantir que toda a criança tenha acesso à educação, facultando aos pais a escolha da instituição. O Estado não deve corromper a individualidade humana por meio de uma metodologia de ensino igual para todos, dado que:

---

<sup>10</sup>Só porque ninguém paga à porta, não quer dizer que o serviço seja gratuito; trata-se de serviços utilizados por algumas pessoas, mas pagos compulsoriamente por todas elas, enquanto que o Estado recebe a glória de benfeitor. Pode até ser mais civilizado dizer que é um serviço gratuito, mas materialmente trata-se de um serviço fundado no império da coerção e imoralidade (SCHOOLLAND; ELDRIDGE, 2004).





Uma educação geral estatal é apenas um meio para se moldar as pessoas uma exatamente como a outra, e como os moldes nos quais são postas são aqueles que agradam ao poder dominante [...] estabelece um despotismo sobre a mente que leva, por uma tendência natural, a um despotismo sobre o corpo.

Como esperar uma democracia efetiva se os jovens são doutrinados em um ambiente autoritário na sala de aula? Como esperar liberdade de pensamento e livre iniciativa se o financiamento de escolas públicas e o comparecimento são ambos compulsórios? (SCHOOLLAND; ELDRIDGE, 2004).

Há imensa expectativa sobre os alunos, enquanto que a recompensa se limita a estrelas de papel e congratulações supérfluas; representantes políticos e professores jamais exerceriam suas funções em troca de recompensas tão ínfimas, pior, considerariam o ato servidão (SCHOOLLAND; ELDRIDGE, 2004).

A interação entre indivíduos dotados de conhecimentos e opiniões diferentes é o que constitui a vida do pensamento. O desenvolvimento da razão é um processo social baseado na existência de tais diferenças. Sem pessoas diferentes em conflito não se provoca o tão necessário choque de ideologias, o que resulta na estagnação do pensamento e no declínio da razão (HAYEK, 1994).

O homem detentor de educação formal é como um cavalo que possui antolhos, os quais, com uso contínuo, enfraquecem sua visão e acabam por restringir seu leque de escolhas acerca de por onde andar. Deixa-se cegar, limitando-se aos caminhos objetivos e aparentes, ficando impedido de considerar os subjetivos e sutis, afinal, passaram a ser invisíveis a seus olhos débeis (ILLICH, 1985).

O homem-massa não é o homem pobre financeiramente, mas o homem pobre culturalmente. O homem de títulos atrelados ao seu nome. Um homem especializado em uma arte e que acredita ser apto a opinar sobre um colosso de outros segmentos apenas por conhecer a sua arte. Seu conhecimento formal é consubstanciado em títulos e dizeres que afirmam sua tenacidade intelectual, seu valor e mérito, enganando a todos e a si mesmo com seu rótulo de homem material (ORTEGA Y GASSET, 2016).



A morte de Sócrates foi consequência da exposição destes sábios-ignorante que beiravam sua realidade grega. Expôs grandes mestres de uma arte específica pelo que eram: arrogantes débeis. Eram mestres em uma determinada arte e, em decorrência a isso, entendiam estarem em posição propícia a opinar em uma infinidade de outros elementos, posição esta supostamente legitimada pela posse de seu conhecimento específico (PLATÃO, 2013).

Ao homem que pensa, age, cresce, transforma e não se adapta a uma sociedade cuja realidade é conformista e irreflexiva, mas muda-a conforme ele muda e ascende como um ser consciente resta como corolário da liberdade educacional. Ao sobrepormos ao indivíduo o preestabelecido estaremos a atingir sua superfície, negando a existência de algo que a transcenda (FREIRE, 2014).

Esquecer-se da existência de um subjetivo que motiva o homem a ser é abdicar da possibilidade de fomentar uma parcela vasta e densa que lhe compõe, a qual só pode ser dirigida na medida em que for levada em consideração como um fator ávido de ser valorado como importante e presente. O qualitativo deve ser tomado como inerente a todo e qualquer indivíduo, do contrário as engrenagens e parafusos da máquina política reivindicarão o que acreditam lhes pertencer. O organismo demanda suas partes<sup>11</sup> (MILL, 2011).

Que ascendam aqueles que visam ascender, que estagnem aqueles que primam estagnar e que tombem de joelhos aqueles que escolhem tombar. Nenhum império poderá tirar o homem da situação que sua própria inabilidade o levou, não importando o peso do chicote (JASPERS, 2013).

---

<sup>11</sup>O organicismo é o *político* que toma a forma de um organismo: o todo e suas partes. O todo é importante, enquanto que as partes são dispensáveis. Em *A cidade do sol* de Tommaso Campanella (2014) os cidadãos que não pertencem à casta dominante têm suas vidas preordenadas em seus mínimos detalhes de maneira a produzirem frutos mais efetivos para a primeira. Toda ação individual é seguida de um supervisor cuja função é garantir o resguardo do interesse do todo quanto a possíveis lesões perpetradas pelas partes. O supervisor aponta o caminho a ser seguido, persuadindo através do chicote possíveis dissidências. Ao homem não é facultada uma vida privada, afinal, não se mostra como sendo lógico um pé ou uma orelha vivendo longe do organismo que o originou, o que significa dizer que o homem é uma extensão do Estado. Em Zamyatin (2007) cada cidadão tinha um número como nome e também o dever de estar sempre com boa saúde, dormir bem e ser feliz, isso porque, do contrário, seria um membro doente, e membros doentes não são tão efetivos quanto e devem ser destruídos com o fim da sobrevivência do todo.



## CONCLUSÃO

Como corolário à pesquisa, as premissas que compreendem o modelo escolar proposto que se baseiam expressivamente em um conceito de homem relativamente bom obstam a efetividade do modelo, mas não a inviabilizam integralmente. Isso porque a concessão de liberdade para homens ineptos de com ela lidar pode ter como resultado seu fracasso e, em decorrência, seu declínio ou a destruição da sociedade, mas também seu aprendizado, cuja consequência tem sua ascensão e evolução individuais.

## REFERÊNCIAS

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. 2.edição. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

CAMPANELLA, Tommaso. **A cidade do sol**. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014.

CONSTANT, Benjamin. **Princípios de política aplicáveis a todos os governos**. Rio de Janeiro: Liberty Fund e Top Books, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 36.ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

HAYEK, Friedrich August Von. **O caminho da servidão**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército e Instituto Liberal, 1994.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou a matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. 3.ed. São Paulo: Ícone, 2014.

HUMBOLDT, Wilhelm Von. **Os limites da ação do Estado**. Rio de Janeiro: Liberty Fund e Top Books, 2004.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 2013.



KARSTEN, Frank; BECKMAN, Karel. **Além da democracia**. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2013.

MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade**. São Paulo: Hedra, 2011.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. 5.ed. Campinas: Vide editorial, 2016.

ORWELL, George. **1984**. London: Everyman's library, 1992.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Hunter Books, 2013, p.1-62.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da loucura**. São Paulo: Lafonte, 2012.

SANDEL, Michael J. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. 19.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SCHOOLLAND, Ken; ELDRIDGE, Janette. **The adventures of Jonathan Gullible: a free Market odyssey**. South Africa: Cape Town, 2004.

STEWART JR, Donald. **O que é liberalismo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1995.

ZAMYATIN, Yevgeny. **We**. London: Vintage, 2007.